

90	187								99	4
----	-----	--	--	--	--	--	--	--	----	---



Famílias que ainda moram na favela do Real Parque têm medo do dia em que terão de deixar seus barracos

Índios Pankararus rejeitam Cingapura

ANA PAIVA

É com desgosto que os índios da tribo Pankararu, que vivem em favelas na Capital, aguardam o Projeto Cingapura. Pelo menos 80 das mais de 100 famílias que moram na favela do Real Parque, Zona Sul, já estão em alojamentos, mas afirmam que foram enganadas e que não desejam os apartamentos, onde ficarão isoladas e sem espaço para manter o pouco da cultura que ainda preservam. As que ainda estão nos barracos, temem o dia em que serão obrigadas a deixar a favela e morar nos alojamentos, separadas de amigos e parentes.

As assistentes sociais da Prefeitura, segundo os Pankararus do Real Parque, prometeram, na época do cadastro, colocá-los juntos em apartamentos, onde poderiam dançar o toré, ritual onde exaltam seus deuses e pedem proteção e saúde. Mas o despejo os pegou de surpresa. "De repente, começaram a demolir os barracos e muitos foram obrigados a sair, outros ficaram", lamenta Cleuza dos Santos Silva, que ainda mora com sua família na favela em meio aos escombros. "Para dançar, era só chamar porque todos ficavam juntos", acrescenta. Para Cleuza, os brancos não vão aceitar o toré. "Índio não gosta de morar em apartamento, é estranho para nós", alerta o cacique Rodrigo Pereira. O que eles querem na verdade, já que não têm condições de voltar para a aldeia de origem, em Pernambuco, é um lugar só para os índios, com espaço. "Nenhum Pankararu quer Cingapura porque temos origem e precisamos preservar", diz a índia Vanilda



Materia reclama da falta de espaço e diz não ter recursos suficientes para pagar prestações dos apartamentos

Maceno, instalada no alojamento do Jardim Panorama, a dois quilômetros da favela do Real Parque. Uma das poucas diversões desses índios aculturados também fica ameaçada com a mudança. Na favela, além de uma sede, eles mantinham um time de futebol e jogavam bola num campo de várzea local. "Na favela, a gente conseguia muitas coisas, quando fazíamos reuniões vinha índio de todo lugar.

Agora está tudo espalhado", reclama Ricardo Santos, técnico do time. A assessoria de imprensa da Secretaria Municipal de Habitação (Sehab), disse que a Prefeitura está estudando a possibilidade de deixar todos os índios em um único prédio e passar para eles o playground do condomínio. Segundo a Sehab, há 80 famílias de Pankararu cadastradas no Projeto Cingapura do Real Parque.

Associação pede casa térrea

A maioria dos índios Pankararus cadastrados no Cingapura não terá condição de pagar as prestações dos apartamentos. Para Frederico Marcionilo, presidente da Associação SOS Pankararu, 80% deles não têm recursos suficientes. Eles querem agora conseguir uma área do Estado, próxima ao alojamento do Jardim Panorama, Zona Sul, e construir casas em esquema de mutirão. "Vamos marcar reunião com o governador para que ele nos dê a área, onde vamos construir casas térreas. Índio precisa se sentir livre, esse é o nosso sonho", afirma Frederico, que lamenta a falta de apoio da Fundação

Nacional do Índio (Funai) para os que vivem fora de suas aldeias. "Eles dizem que os índios desalbedados precisam assumir seus próprios compromissos, mas se estamos em São Paulo é culpa da Funai, que não tirou posseiros de nossa aldeia." Frederico, que é construtor e mora fora da favela, lamenta também a dificuldade e a falta de tempo para manter sozinho a associação. "Precisici parar com os trabalhos durante dois meses para tocar minha vida", conta. Criada em 1994, a associação foi responsável pela qualificação dos Pankararus em São Paulo, o que lhes proporcionou uma identidade.



Existe apenas uma roupa sagrada em São Paulo, feita de cizal e conhecida como praiá, que é usada na dança toré

INSTITUTO
Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte *Diário Popular*
 Data *15/12/96* Pg
 Class. *99*

LUX JORNAL

**DIÁRIO POPULAR
 SÃO PAULO - SP**

**PUBLICADO EM:
 15 DEZ 1996**

99

4



Frederico lamenta falta de apoio

**Favelas abrigam
 98% da tribo**

A tribo Pankararu, da família tupi-nambá, é uma das maiores que ainda sobrevive no Brasil e se concentra na aldeia Brejo dos Padres, em área demarcada de 8,1 mil metros quadrados entre os municípios de Petrolândia e Tacaratu, no sul de Pernambuco. Existem hoje 6,5 mil índios na tribo, 1,5 mil vive em São Paulo, sendo que 98% moram em favelas. Além do Real Parque, há Pankararu nas favelas do Parque Santa Madalena, Zona Leste, Paraisópolis e Grajaú, Zona Sul.

Os indígenas foram, aos poucos, expulsos do local de origem, ocupado por posseiros, e vieram para a Capital em busca de trabalho. Empurrados para o pé da serra, onde não há condições de plantio, eles preferem viver na Capital, apesar de sonhar em voltar à aldeia.

Preservar a cultura é a maior dificuldade. Existe apenas uma roupa sagrada, conhecida como praiá, em São Paulo. Feita de cizal, ela é considerada espiritual e quem a veste recebe os encantados, espíritos do bem que atendem seus pedidos durante a dança toré.